

**MEMORIAS DOS APOSENTADOS
JOSÉ CARLOS ORTIZ
PROMOTOR DE JUSTIÇA APOSENTADO
ENTRÂNCIA ESPECIAL
INÍCIO E SAÍDA DO MPSP: 01/12/1978 A 08/08/1997**

APMP: Como surgiu a ideia de prestar concurso para o MP?

Desde infância, meu pai conviveu muito com o pessoal da justiça, morava em cidade de Interior, pequenininha, ele tinha amizade com o juiz, com os promotores que passavam por lá, e um deles que influenciou bastante, que até hoje continua sendo amigo da família, foi o doutor Tourinho Fernando da Costa Filho, que é um ícone do Ministério Público, um grande jurista de renome internacional e vendo a atuação dele, as conversas que ele tinha em família, aquilo ficou gravado na minha cabeça, aí quando eu entrei na faculdade, eu optei fazer o curso de direito, já entrei com essa intenção de ser promotor. E realmente fui me preparando pra isso, consegui graças a Deus ingressar no Ministério Público pra minha felicidade, quando a agente termina a faculdade vai prestando vários concursos, e eu já tinha um irmão que era promotor no Paraná, então eu resolvi prestar lá, fui aprovado e fiquei quase 5 anos lá, de abril de 74 a dezembro de 78 ,e daí então assumi aqui e realmente esse meu período vamos supor de estágio, vamos dizer assim de estágio, de começo de carreira, que eu fiquei 2 anos como substituto lá, e depois já como titular de entrância inicial, até vir cá, aí aqui a carreira foi muito rápida, quando eu entrei já tava com ... o Ministério Público estava crescendo aquela época num ritmo vertiginoso e de 5 meses eu fui de substituto a 3ª entrância, então é importante contar esse período do Paraná, que foi onde eu comecei, onde eu aprender praticamente os primeiros passos do Ministério

Público. Aí eu já tinha experiência, pra mim foi muito mais fácil e vários colegas, inclusive jovens ainda, recém-saídos da faculdade, que passaram no concurso e foram trabalhar junto comigo, vendo que eu já tinha experiência, vinha sempre conversar comigo, ajudei muitos inclusive, promotores jovens substitutos, que tinham a teoria, hoje são grandes juristas aí, mas não tinham a prática ainda, quando pegavam um processo, não tinham ideia de fazer, uma coisa tão simples, que eu batia os olhos e já sabia o que era, pra eles era uma novidade imensa, e pra honra e alegria minha, um deles, substituto, na época eu era já titular em São Caetano do Sul, depois veio a ser procurador-geral de justiça, então em todas as reuniões que havia depois por exemplo no interior, em Campinas onde eu moro, quando ele ia como procurador-geral, ele fazia questão de dizer pra todos lá. Posso dizer o nome? É o Dr. Marrey. Ele sempre fazia questão de lembrar isso, ia sempre na minha sala pedir orientação. É, fiz um pouco de tudo, como lá no Paraná, fiquei muito tempo substituto e depois como titular fiquei mais 2 anos e pouco como titular, em comarca pequena de entrância inicial, então é o que a gente chamava de clínica geral, fiz muitos júris, e atuava em família, todas as áreas, depois quando eu vim pra São Paulo, em 78, aí assumi, fiquei um mês só na minha circunscrição, que foi em Adamantina, no período de férias, em janeiro, e naquela época eles até orientavam agente a se inscrever pra todas as vagas que tivessem abertas, porque eles precisavam, tava uma movimentação muito grande na carreira, concursos seguidos, mas queriam que a gente preenchessem as vagas, então eu fiquei só esse mês lá, como substituto, aí já fui promovido, quando terminaram as férias forenses, em janeiro eu já assumi a 1ª entrância, que na época era 1ª, e não havia essa divisão entre inicial, intermediária e final.

APMP: como foram as experiências nas comarcas?

Fui para Apiaí, aí fiquei 20 poucos dias lá, chegando lá já me inscrevi pra todas que estavam abertas na 2ª. Em em 28 dias foi promovido pra Santa Isabel, Santa Isabel também me inscrevi pra todas de 3ª, fiquei 2 meses só lá, já fui promovido pra São Caetano, então na realidade ali em São Caetano que eu fiquei 2 anos, que começou sedimentar minha carreira aqui, porque no começo foi muito rápido, nessas comarcas anteriores não deu pra ver praticamente nada. Em São Caetano eu fui atuar só na área criminal, porque já havia a separação, fiz júri lá, e várias outras atividades na área criminal, mas, como eu sou do Interior, caipira do Interior, e pra ficar viajando e morando em Campinas, todo dia viajando é complicado, ai eu mudei pra São Caetano, mas não deu certo, não me adaptei, voltei pra lá, aí procurei me transferir pra uma comarca do Interior, queria chegar em Campinas, mas lá na época era muito disputada, aí me escrevia pra outras e apareceu uma vaga em Guaratinguetá, aí eu me inscrevi, consegui a remoção pra lá e fiquei 2 anos lá, até conseguir uma permuta com um colega que estava em Americana, que viria pra São Paulo, ser promovido pra cá, estava chegando perto de casa, aí fui pra lá, fiquei de 82 a 86 em Americana, e aí também um trabalho mais assentado já, faz parte cível, criminal lá também, aí consegui em 86 ir pra Campinas como titular e fiquei até aposentar.

APMP: Como foram as experiências no Tribunal do Júri?

Em Americana, quando eu era promotor lá, e depois disso ele convidou né, eu fui realmente com minha esposa , lá com tudo na cerimônia, uma coisa simples né, mas tudo isso mostra que embora eu tenha sido responsável pela condenação dele, mas ele reconheceu que aquele era o meu trabalho, que ele era culpado não é, mas que eu fiz, eu fui justo com ele, então ele reconheceu e me convidou pra padrinho, essas coisas interessantes assim. No Paraná, numa das comarcas estava lá, no interior, passava um rio muito grande, lá ao lado, e tinha um preso lá que estava aguardando julgamento, e ele era bonzinho, família tradicional da cidade, e ele tinha umas regalias lá na cadeia, o delegado deixava ele sair pra pescar, e um belo dia ele bate na porta da minha casa, trazendo um peixe enorme:- oh doutor, fui pescar e trouxe aqui pro senhor. Não sei se eu pego ou não esse peixe, vai que esteja envenenado, estava próximo do julgamento, caso de júri, homicídio, mas eu não quis aceitar. Ele insistiu, eu falei: - tá bom. Mas dei o recado pra ele:-, se você pensa que eu vou amolecer no júri por causa desse peixe aqui você está muito enganado. - Não longe de mim ... eu falei:-, ta bom. Pedi pra minha esposa preparar o peixe pra mim, falei, se eu tiver que morrer eu não vou morrer sozinho, convidei o juiz da comarca pra almoçar comigo, não falei o que era, ele foi, era muito amigo meu, depois que ele terminou de comer que eu falei, eu falei assim, se você for morrer, eu vou morrer junto, mas estamos os dois vivos até hoje, graças a Deus.

APMP: E ele foi condenado?

Então, naquele júri não, ele acabou sendo absolvido, mas depois eu recorri, consegui anular o julgamento, e depois ai saiu de lá, não fiquei sabendo o que deu no segundo julgamento, mas não foi porque eu amoleci, fui a réplica, tudo, dei tudo de mim.

APMP: Na sua opinião, júri é importante para a carreira do promotor? O senhor gostava de fazer?

Eu gostava muito de fazer júri, porque há muito colega que infelizmente não gosta, pessoas que acham que o julgamento deveria ser sempre pelo juiz singular, mas eu acho que não, o júri é realmente importante, porque é o povo que vai julgar, eles não conhecem o Direito, às vezes há algumas decisões que aparentemente são absurdas, mas é democrático, e pra isso existem os recursos, pra solucionar. Eu gostava muito, eu me preparava, eu não dormia na véspera, não dormia depois, e gostava, fazia aquilo com dedicação. Depois trabalhei em áreas específicas, área de família, do cível, e depois trabalhei naqueles especiais que começaram a surgir na gestão do Araldo pra frente: como Meio Ambiente, Consumidor, Cidadania, Defesa da cidadania, inclusive, em Capinas, quando fui promotor lá, instalei (eu era designado pra ser o 1º promotor de defesa da cidadania) não era conhecido ainda da sociedade, nessa atuação do Ministério Público, então eu dei conhecimento a imprensa, vários casos de repercussão, que eu tive oportunidade de trabalhar e aí o Ministério Público a partir

dali dentro dessa área começou a ser conhecido por essa atuação, e aí vieram os outros colegas depois nas outras áreas, então eu fiquei muito gratificado em me sentir importante até pra sociedade. Acho que cumpri minha obrigação porque eu consegui levar para ceara política, que naquela época os políticos faziam o que bem entendiam, não tinha ninguém que, vamos dizer assim, para pegar no pé deles, e eu comecei a pegar. Então, várias situações importantes, que retratados na imprensa, estão documentados hoje nessa atuação do Ministério Público na cidade. Isso pra mim foi muito importante e serviu de exemplo pra vários outros colegas que estão atualmente lá, que até hoje, quando eu converso com eles, falam:-olha eu lembro de um caso seu daquela época, procuro fazer igual, então isso foi importante pra mim, agradeço essa oportunidade. Improbidade administrativa, pela primeira vez na história lá de Campinas, foi eu que tomei essa providência. Então, em alguns casos eu precisei instaurar ação, outros os próprios políticos se retrataram, retiraram aquelas medidas que eles estavam pretendendo tomar. A primeira delas foi na época que ia haver um referendo pra dizer se a população queria o presidencialismo ou parlamentarismo, e aí um grupo de vereadores de Campinas, resolveu ir pra Portugal e Espanha pra estudar como era o parlamentarismo lá, eu achei um absurdo aquilo, com o dinheiro público, evidentemente, eu falei:- se vocês quiserem vir aqui eu explico como que é a diferença entre parlamentarismo. Então, mandei um ofício pra câmara, pra eles explicarem qual a relação custo x benefício pra sociedade. Caso não houvesse a relação, eu iria tomar as providências, que seria entrar com uma ação pública, servindo pra impedir a ida deles. Não houve nem necessidade, porque eles cancelaram a viagem, quando viram a imprensa, repercutindo tudo aquilo. Criei um inimigo lá, o presidente da

câmara na época, não podia me. Dormi tranquilo, achei que foi interessantíssimo aquilo.

APMP: O senhor fazia atendimentos?

Também era gratificante, ao mesmo tempo em que era muito trabalhoso, porque no dia do atendimento, a gente dividia o serviço entre todos, cada promotor atendia num dia, quando eu entrava no corredor onde estava instalado meu gabinete, que naquela época era no fórum, não existia o prédio próprio do Ministério Público, parecia uma fila do INSS, eu falava:- parece a previdência aqui, pessoas esperando, então aquele dia era dedicado pra isso só. Mas é gratificante porque aquelas pessoas não têm ninguém mais a quem recorrer e quando agente conseguia resolver o problema deles, principalmente assim administrativamente, chamando parte contrária, fazendo um acordo, a gratidão deles era uma coisa impressionante. Eles gravam inclusive a fisionomia da gente, já aconteceu muitas vezes cruzar na rua com alguém, eles cumprimentaram:- ô doutor! eu não sabia quem era. Eu conheço você? -O senhor me atendeu. Em Campinas já não acontecia tanto isso, mas quando eu estava no Paraná, o pessoal inclusive depois de agradecido, levava muito presente, as vezes a gente não queria aceitar, mas se recusasse eles se ofendiam, e era muito zona rural lá, então o que eu recebi de galinha, porco, essas coisas, o duro era onde colocar depois.

**APMP: Como promotor o senhor precisava visitar os presídios.
Como foi esta experiência?**

Quando eu exerci a função de corregedor dos presídios, sim, tinha que ir, inclusive já fui até padrinho de casamento de preso, preso que eu processei, consegui a condenação dele, e fui depois ser padrinho de casamento dele, lá dentro do presídio foi o casamento.

APMP: O senhor se preparou para a aposentadoria?

Eu gostaria de me preparar, quando aposentasse inclusive fazer uma outra coisa, eu não queria ficar parado, queria fazer isso com tempo, só que chegou a época daquela reforma da previdência no governo Fernando Henrique e ninguém sabia se eu ia permanecer, se ia ter de pagar aquele tal do pedágio ou não, se ia ser respeitado o direito adquirido ou não, ficava aquela dúvida, então eu completei o período de aposentadoria e não quis esperar ver a aprovação da Reforma pra não ser prejudicado e acabei me aposentando assim rapidamente, sem estar preparado psicologicamente pra isso, tanto é que eu ia todos os dias ao fórum depois de aposentado, ia lá bater um papo, na hora do lanche, lá na sala do lanche dos promotores, no cafezinho dos advogados, eu não tinha nada, ficava na porta do fórum, os advogados passavam eu ficava lá conversando com eles, e assim foi até aos poucos né, ir me adaptando. Nisso surgiu um convite pra lecionar, na faculdade de Direito em Campinas, eu aceitei, e aí foi bom, porque eu continuei na área e tive oportunidade de transmitir, retransmitir pra pessoas mais novas, futuros juristas, aquele conhecimento acumulado nesse período todo de vivência de Ministério Público.

